

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various building footprints, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

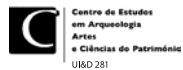
ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO PATARINHO (SANTA COMBA DÃO, VISEU): CARACTERIZAÇÃO DE UMA PEQUENA ÁREA DE PRODUÇÃO VINÍCOLA NO VALE DO DÃO EM ÉPOCA ALTO-IMPERIAL

Pedro Matos¹, João Losada²

RESUMO

Em escavações recentemente realizadas no sítio arqueológico Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu), foram descobertas as ruínas de um edifício romano integrado numa unidade de exploração agrícola. Em época alto-imperial, serviu exclusivamente como área de trabalho direcionada, principalmente, à vinicultura.

Ao contrário de sítios relacionados com escalas de produção intensiva, o estudo das pequenas e algo rudimentares áreas de trabalho associadas à exploração rural no Período Romano está ainda em fase incipiente em Portugal, sendo poucos os exemplos com os quais podemos estabelecer paralelos. Desta forma, através da apresentação dos trabalhos realizados no Patarinho, esperamos contribuir para a construção de um corpo de dados científicos com o qual, futuramente, seja possível definir alguns critérios para a classificação tipológica desses sítios.

Palavras-chave: Patarinho; Período Romano; Rio Dão; Escavação; Vinho.

ABSTRACT

Recently, archaeological excavations carried out at the site called Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu), the ruins of a roman building integrated into a farm unit were discovered. In early-imperial times, it served exclusively as a work area, mainly dedicated to winemaking.

Unlike sites related to intensive production, the study of small work areas associated with rural exploitation in the Roman Period is taking its first steps in Portugal, with few examples with which we can establish parallels. Through the presentation of the works carried out in Patarinho, we hope to contribute to the construction of a scientific data body with which, in the future, it will be possible to define some criteria for the typological classification of these sites.

Keywords: Patarinho; Roman Times; Dão River; Excavation; Wine.

1. INTRODUÇÃO

Na Beira Alta, rasgando a plataforma do Planalto Beirão, o rio Dão atravessa quase 100km da zona de Aguiar da Beira (Guarda) à sua foz no Mondego, onde está hoje a albufeira da Barragem da Aguieira, no limite entre os distritos de Viseu e Coimbra. O seu vale representa uma das principais regiões vinícolas de Portugal, tradição cujas raízes estão a ser descoratinadas pelos trabalhos arqueológicos recentemente

executados no lugar chamado “Patarinho”, localizado no município de Santa Comba Dão, zona do Baixo Dão. As estruturas encontradas neste sítio integravam uma pequena área de trabalho, em plena atividade durante o período alto-imperial, direcionada principalmente à vinicultura, inserida numa unidade de exploração agrícola posicionada a 6km para nordeste da foz do Dão, provavelmente, nas proximidades de um embarcadouro onde o Mondego deixava de ser navegável, à montante.

1. CEAACP – Universidade de Coimbra / Bolseiro FCT (2020.05417.BD) / pjmatos27@hotmail.com

2. Arqueólogo – aluno de mestrado em Arqueologia e Território (FLUC) / joao_victor320@hotmail.com

Pese embora o grau de preservação do sítio ter permitido descortinar as suas características cronológicas e funcionais, a compreensão dos seus traços arquitetónicos consiste numa tarefa de elevada complexidade, resultado da sensibilidade dos materiais de construção, mormente de natureza perecível, ou da própria fragilidade do granito utilizado na alvenaria, designadamente, um granito de grão grosso vulgarmente chamado “granitão”, facilmente fragmentável. Agrava estas condicionantes a vulnerabilidade das camadas estratigráficas a fatores pós-deposicionais, decorrente da fraca ação sedimentar do terreno. Na tentativa de mitigar este entrave e explorar integralmente o potencial do sítio, recorremos ao auxílio visual proporcionado pela tecnologia e métodos de reconstituição em 3D, com os quais tentaremos transmitir, dentro do possível, algumas hipóteses para a reconstituição gráfica da sua componente edificada.

Este texto tem por objetivo apresentar os dados obtidos em escavação, com os quais foi possível determinar o espectro cronológico do sítio, caracterizar o aparelho e técnicas de construção utilizados e definir a sua natureza funcional. Para este propósito, e por se tratar de um estudo em fase de execução, da sua componente material serão agora referidos apenas os elementos indicadores cronológicos e funcionais, necessários à interpretação do registo estratigráfico doravante apresentado.

2. ENQUADRAMENTO DA ÁREA DE ESTUDO NO PERÍODO ROMANO

No quadro da ordem administrativa romana, que na região Beirã, estaria consolidada em inícios do século I d.C. (ALARCÃO, 2002: 35), a zona do Planalto Beirão encontrava-se repartida entre duas *civitates*; uma com capital na cidade de *Vissaium* (Viseu), a outra, a sul da primeira, capitaneada pelo centro urbano de nome ainda desconhecido, hoje localizado na povoação de Bobadela (Oliveira do Hospital). As dúvidas relacionadas às extremas entre os seus *territoria* não nos permite indicar a qual das duas pertenceria a zona do Baixo Dão, mas independentemente, seria uma zona de povoamento disperso, marcadamente periférica em relação aos grandes centros de poder (Figura 1).

Por outro lado, os trabalhos desenvolvidos no município de Santa Comba Dão (MATOS e CATARINO, 2022: 231-234) têm revelado que, pelo menos durante

o Alto Império, a zona do Baixo Dão estaria perfeitamente integrada na rede viária de primeira ordem. Da foz do Dão para sul, o rio Mondego seria o principal eixo viário no circuito comercial de longa distância, permitindo às comunidades implantadas no sopé da serra do Luso o acesso aos produtos de origem importada ou regional. Para norte e leste daquele ponto, em direção, respetivamente, às cidades de *Vissaium* e Bobadela, a rede viária seguiria necessariamente por terra, pelo que o Patarinho se encontrava estrategicamente posicionado junto à confluência de dois eixos viários nucleares, um hidrográfico, outro terrestre, beneficiando-se da proximidade a um possível entreposto comercial.

Os edifícios encontrados no Patarinho integravam uma pequena área de trabalho voltada à produção e armazenamento de vinho, e à tecelagem, como atividade secundária. Não foram aqui identificados elementos de natureza residencial, entretanto, podemos afirmar que funcionaria na dependência de um sítio localizado a 300m para sudeste, designadamente, uma mancha de ocupação com cerca de 10000m² registada como “Abadia”, caracterizada por fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, e fragmentos de cerâmicas utilitárias cuja tipologia corrobora a relação de contemporaneidade com o Patarinho (MATOS, 2019: 67). A problemática associada à classificação tipológica da Abadia permanece em consideração, e dependente, ainda, da realização de trabalhos arqueológicos programados para um futuro próximo. Contudo, acreditamos ter sido este o local da vivenda que encabeçava a unidade de exploração rural à qual pertencia o Patarinho. Estes dois sítios flanqueiam um manancial que corre por uma plataforma de terrenos férteis, facilmente amanháveis, na qual foi definida uma área de dispersão residual de achados com no mínimo 5 hectares.

Atendendo ao propósito deste texto, iremos agora nos centrar na apresentação do Patarinho, concretamente, na descrição dos seus contextos arqueológicos mais relevantes e na análise da sua componente edificada, elementos fundamentais para a caracterização crono-tipológica do sítio.

3. PATARINHO

Nos últimos três anos as escavações realizadas no Patarinho revelaram as ruínas de dois edifícios, separados por menos de 20m (Figura 2). Ao longo deste texto, pelo volume de dados e possibilidade de

reconstituição, iremos nos focar na estrutura localizada no Sector I, correspondente à *cela vinaria*, sublinhando apenas os contextos do Sector II essenciais à caracterização do sítio.

O edifício identificado no Sector II, a leste do anterior, localizado na plataforma inferior da encosta do Patarinho, passou por um severo processo de destruição, deixando apenas vestígios pontuais da sua configuração original a serem depreendidos de alguns troços de alicerces e segmentos de valas de fundação. Um dos seus compartimentos, com piso em *opus caementicium*, foi colmatado por uma vinha que penetrou a argamassa, conforme testemunhado pelos alinhamentos paralelos de covas das videiras, dispostos no sentido NO-SE, seguindo a orientação natural da vertente (Figura 3C). Foi possível definir dois pares de alinhamentos separados por cerca de 2m. No mesmo alinhamento, as covas estão separadas pela distância correspondente a 1pé, com o espaço de 3pés entre linhas. Não foram identificados vestígios de armações ou estacas, pelo que as videiras deveriam crescer sem amparo, no sistema de *vitis prostata* ou *vitis brachchiata* (ALARCÃO, 2004: 30). A abertura de um caminho com 2m de largura, que interligava vinha e *cela vinaria*, atravessou o edifício arruinado do Sector II, deixando no lado sul algumas estruturas com vestígios de utilização até meados do século IV³.

3.1. Estruturas arqueológicas

O edifício identificado no Sector I continha pelo menos duas divisórias, designadamente, um compartimento ortogonal com pouco mais de 50m² onde estaria um armazém, conectado no lado nordeste a um habitáculo de aproximadamente metade da sua área, dentro do qual encontra-se um pequeno lagar, formado por um *lacus* de 1 x 1,8m, com paredes de tijolos, forrado por uma tosca argamassa impermeabilizante feita pela mistura de barro, gravilha e cerâmica moída aplicada sobre uma camada de seixos rolados depositados sobre o substrato geológico. Junto à lateral leste do tanque há uma cavidade circular com 60cm de diâmetro, escavada na rocha base correspondente ao nível de circulação, onde estaria encaixado o suporte de um mecanismo de

prensa rudimentar, se não mesmo o próprio *calcatorium* do lagar (Figura 3B). As condições do terreno não permitiram o avanço da escavação no lado leste do Sector I (Figura 3A), em ordem a ser obtido o registo integral do edifício, entretanto, uma pequena ravina na fraga desencoraja considerar o prolongamento do edifício neste local.

3.2. Registo estratigráfico do Sector 1 (*cela vinaria*)

UE.1 – Depósito de preenchimento da área afetada por antigas escavações⁴.

UE.2 – Terra argilosa, em tonalidade vermelho enegrecida (Munsel 2,5 YR 3/2), correspondente à camada de aterro depositado sobre a rocha base para a construção da divisória do armazém. Continha fragmentos de cerâmicas de construção (*tegulae* e *imbrices*), cerâmicas utilitárias de fabrico local e regional, destacando-se, neste caso, o grupo da cerâmica cinzenta fina polida como indicador cronológico.

UE.3 – Vestígio de um possível derrube do telhado, localizado no lado externo do edifício, junto à fachada sudoeste.

UE.4 – Terra compacta, castanho avermelhada (Munsel 5 YR 6/3), identificada na metade sul do lado interno do armazém, abaixo da camada de revolvimento, acima da UE.2. Corresponde ao nível que marca o abandono deste compartimento, pelo menos enquanto armazém da *cela vinaria*. Entre as cerâmicas comuns destaca-se o conjunto de *dolia* no qual foi possível determinar o número mínimo de quinze indivíduos. Acreditamos que os poucos fragmentos, muito rolados, de *tegulae* e *imbrices* encontrados nesta unidade, assim como os nódulos de argamassa serão vestígios residuais das camadas de destruição que lhe sobrepunham, entretanto, destruídas pelos trabalhos agrícolas. Estaria depositada sobre um nível de circulação interno, seguramente em terra batida, que não foi possível identificar em escavação. O seu indicador cronológico mais relevante é um sestércio de meados do século II d.C.

UE.5 – Terra solta, acinzentada (Munsel 7,5 R 7/0), localizada na área leste do Sector I, em zona de denso coberto vegetal. Embora profundamente afetada pelas raízes, esta área, posicionada junto ao desnível natural entre os dois sectores de escavação, esteve resguardada dos trabalhos agrícolas, pelo que não

3. MATOS, Pedro; CATARINO, Helena; SILVA, Ricardo Costa: “A Encosta do Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): o contributo dos *dolia* para o enquadramento cronológico e funcional do sítio” (*no prelo*).

4. A pouco mais de uma década foram realizadas escavações no Sector I.

foram detectadas contaminações estratigráficas. Continha fragmentos de *tegulae* e *imbrices* em aparente condição de depósito residual, fragmentos de *terra sigillata hispanica* e cerâmicas comuns sem dados cronológicos relevantes.

UE.6 – Rocha base facetada para formar o piso do patamar superior do lagar, 0,5m acima da base do *lacus* (UE.11). Foi cortado pela cavidade circular (UE.36) na qual seria realizado o esmagamento das uvas. Será contemporânea das UEs. 8 e 13.

UE.7 – Lixeira posicionada no lado sudeste do edifício, numa pequena área da escavação com menos de 20 m² encaixada entre uma fraga, a sul, a face externa dos muros do lagar e armazém (UE.28), respetivamente, a norte e oeste, e o limite da escavação a leste. Foi depositada no interior de um *dolium* parcialmente enterrado, colmatando a parte inferior do recipiente – cuja base foi identificada *in situ*, apoiada sobre uma placa de granito – incorporando no seu enchimento os fragmentos do bordo e parte superior do bojo. Continha fragmentos de cerâmicas comuns e de construção das quais destaca-se um conjunto de *tubi fitili* doravante abordados.

UE.8 – Saibro nivelado correspondente ao nível de circulação externo no lado sudeste do edifício, junto à face externa do muro sul (UE.28) do lagar. Foi cortado pela cavidade onde esteve inserido o *dolium* (UE.35), posteriormente colmatado pela UE.7. Tal como esta, encontra-se coberto pela UE.5.

UE.9 – Camada de despejo (entulheira) localizada no exterior junto ao lado sul do edifício, abaixo da camada de revolvimento. Incorpora exemplares de cerâmicas comuns e de construção cuja tipologia estabelece a relação de contemporaneidade com a UE.7.

UE.10 – Enchimento da vala de fundação do troço de muro correspondente à UE.34, localizado no canto nordeste do edifício. Não forneceu indicadores cronológicos.

UE.11 – Argamassa feita com terra saibrosa misturada a gravilha e cerâmica triturada, depositada na base do tanque correspondente ao *lacus* do lagar. A meia cana na ligação com o “rodapé” atesta a sua função impermeabilizante.

UE.12 – Camada de seixos rolados sob a UE.11, depositada no substrato geológico como forma de preparação para a aplicação da argamassa impermeabilizante.

UE.13 – Terra batida, em tonalidade castanho amarelada (Munsell 7,5 YR 5/8) correspondente ao nível de circulação externo, identificado no lado sudoeste

do edifício, sob o qual abateu-se o telhado correspondente à UE.3.

UE.14 – Saibro nivelado para formar o piso no compartimento do lagar. Coberto pela UE.5, cortado pela UE.34.

UE.15 – Sedimento argiloso depositado no fundo da cavidade circular (UE.36) escavada na rocha base (UE.6), onde estaria o *calcatorium* do lagar, ligado ao lado leste do tanque. Continha um fragmento de *terra sigillata hispanica* com o qual foi possível datar a amortização do lagar ainda em época alto-imperial.

UE.28^s – Primeira fiada do muro que define o quadrante sul do armazém e o lado sul do lagar, com 0,6m de largura, construída com blocos de granito bem esquadrihados, travados com terra. O vértice sudoeste é demarcado por um cunhal. No seu alinhamento NO-SE, implantado em zona pedregosa naturalmente mais elevada, foi levantado diretamente sobre a rocha base, dispensando os trabalhos de aterro e construção de sapata utilizados na área do armazém.

UE.29 – Alicerce sob a UE.28 implantado sobre a UE.2, feito em pedra não aparelhada, de diversos tamanhos, cuja largura oscila entre 0,8-0,9m. Foi identificado no quadrante norte do armazém onde a primeira fiada do alçado encontra-se destruída.

UE.30 – Muro parcialmente destruído, a demarcar o lado norte no compartimento do lagar, implantado diretamente sobre a camada de saibro (UE.14).

UE.31 – Troço de muro cortado pela UE.28 na face interna do vértice entre o alinhamento sudeste do armazém e sul do lagar.

UE.32 – Troço de muro cortado pelo alinhamento NO-SE da UE.28, no lado sul do lagar. É paralelo à UE.31, a 2m deste alinhamento.

UE.33 – Troço de muro no lado sul da escavação, alinhado com as UEs 32 e 34.

UE.34 – Muro no canto nordeste do compartimento do lagar, a fazer vértice com a UE.30, implantado sobre a UE.10.

UE.35 – Interface de abertura da vala para a implantação do *dolium* no lado sul do edifício, posteriormente colmatada pela UE.7.

UE.36 – Interface de escavação da cavidade circular na rocha base (UE.6), que corresponderá ao *calcatorium* do lagar.

UE.59 – Rocha base nivelada para a construção do armazém, sobre a qual foi depositada a UE.2.

5. As unidades estratigráficas registadas entre os números 16 e 27 pertencem ao Sector 2 da escavação.

3.3. Indicadores cronológicos e funcionais do Sector I

3.3.1. Nível de construção do armazém

A cronologia de construção do compartimento do armazém foi determinada pelos materiais contidos na UE.2, correspondente à camada de nivelamento/preparação do terreno para a implantação dos alicerces (UE.29). Para este efeito, destaca-se o conjunto formado pelas cerâmicas cinzentas finas polidas, no qual foi possível reconstituir o bordo de três potinhos (Figura 4: 1-3). Trata-se de um fabrico característico de contextos datados no século I d.C., dos quais mencionamos, por questão de proximidade, as cerâmicas documentadas nos níveis augustanos e claudianos do complexo forense de *Aeminium* (SILVA, 2015: 124-130). Em *Conimbriga*, os exemplares de cerâmicas cinzentas finas polidas com decoração brunida foram documentados em estratos da segunda metade do século I d.C. (ALARCÃO, 1974: 88). Outro importante indicador cronológico dessa camada de aterro está num exemplar de fibula em ómega (Figura 5A), também chamada anular romana. Corresponde ao tipo *Ponte B51.1d*, inserido entre finais do século II a.C. e finais do século I d.C. de acordo com o quadro tipológico proposto por Salete da Ponte (2004), segundo a qual este tipo de fibula assinala “o intenso tráfego comercial e propagandístico entre a Hispânia e as outras comunidades extra-peninsulares, através das vias terrestres e fluviais dominadas pelos Romanos” (*idem*: 213). Em escavações realizadas no Castro de Santa Luzia, um povoado da Idade do Bronze localizado nos arredores de Viseu, foi encontrado um exemplar de fibula anular romana, interpretado pelos autores como vestígio de “uma presença ocasional e acidental”, possivelmente associada a um posto de vigilância romano (PONTE e VAZ, 1989: 181-182). Refere-se ainda que, na coleção de fíbulas obtidas no acampamento militar romano-republicano da Lomba do Canho (Arganil), cerca de 20km para sudeste do Patarinho, o tipo anular romana é o segundo mais bem representado (NUNES, FABIÃO e GUERRA, 1989: 410).

3.3.2. Camadas de abandono da *cela vinaria*

Em decorrência da já mencionada vulnerabilidade dos contextos arqueológicos, foi possível identificar apenas uma camada de abandono e um nível de colmatação sem vestígios de perturbações estratigráficas, respetivamente, as UEs 4 e 5. Os exemplares de *terra sigillata hispania* (Figura 4:

4-7) registados na camada de abandono do armazém (UE.4), corroboram o *terminus post quem* estabelecido pelo numisma de meados do século II d.C. antes mencionado (Figura 5B). Deste conjunto foi possível distinguir quatro bordos que provavelmente pertenciam à forma Drag.15/17, produzida entre os séculos I-III d.C. nas olarias de *Tritium Magallum* (ROMERO CARNICERO e RUIZ MONTEZ, 2005: 189). Em *Conimbriga* a datação dos pratos Drag. 15/17 foi inserida entre os séculos I-II d.C. (MAYET, 1984: 182-183); no *forum* de *Aeminium* foram datados, aproximadamente, na segunda metade do século II ou século III d.C. (SILVA, 2015: 147).

No nível de colmatação do compartimento do lagar (UE.5) foi identificado um fragmento de Drag. 15/17 (Figura 4: 9), de perfil completo, com diâmetro de abertura mais acentuado em relação aos anteriormente descritos, característica que, segundo alguns autores⁶, pode remeter a produções mais tardias desta forma. Também neste nível foi identificado um fragmento de taça lisa Drag. 27 (Figura 4: 10), forma integrada numa das produções mais antigas das olarias de *Tritium Magallum*, sendo fabricada até o século III d. C. (ROMERO CARNICERO e RUIZ MONTEZ, 2005: 189). Na Beira Alta, foi documentada, por exemplo, na Póvoa de Mileu (Guarda), em contextos datados entre a segunda metade do século I d.C. e finais do século II d. C. (PEREIRA, CAMEJO e MARQUES, 2012: 72-76).

No que se refere aos indicadores funcionais, o conjunto dos *dolia* obtidos na UE.4 foi fator determinante na classificação do armazém. De modo geral, os fragmentos de *dolia* do Patarinho foram divididos em dois grupos, definidos a partir de critérios morfológicos. O Tipo I é representado pelos recipientes de bordo reentrante, com pequenas variações nos lábios, por norma arredondados. Estes podem apresentar um discreto espessamento interno e moldura ou ressalto posicionado entre a base do bordo e o arranque bojo, na parede externa, onde assentaria a tampa. Os diâmetros de abertura oscilam entre 26 e 38cm. O Tipo II corresponde a uma forma denominada por alguns autores como “talhas” (BAEZ *et al.* 2016). Estas apresentam bordo extrovertido, com maior variabilidade em relação ao nível dos lábios e à marcação do colo que, por vezes, está mesmo ausente nalguns exemplares cujos bordos foram redo-

6. Consultar: FERNÁNDEZ GARCIA e RUIZ MONTES, 2005: 142 / PAZ PERALTA, 1991: 59.

brados diretamente sobre o bojo/ombro. Seu diâmetro de abertura oscila entre 18 e 35cm.

Os *dolia* do Tipo I representam uma forma comum em época imperial (PINTO e SCHMITT, 2010: 286), tradicionalmente associada ao armazenamento de azeite e vinho. No sítio de Rumansil I (Murça do Douro, Vila Nova de Foz Côa), onde está situado um complexo artesanal em atividade durante quase todo o Período Romano (SILVINO *et al*, 2020), foi identificado um *atelier* com dois fornos, um dos quais com capacidade para produzir mais de uma dezena de *dolia* a serem utilizados na *cela vinaria* localizada no próprio complexo de produção (*ibidem*: 83), todos de perfil semelhante aos *dolia* de Tipo I do Patarinho. Também um conjunto de *dolia* com características semelhantes foi identificado nos níveis da primeira fase de ocupação (séculos I-III d.C.) do sítio de Trás do Castelo (Alijó), onde foi encontrada, possivelmente, a *pars rustica* de uma *villa* que albergava, entre outras áreas de produção, uma *cela vinaria* (SILVINO *et al*, 2020: 413-417).

3.3.3. Fase final de utilização

No Sector I foram identificados dois depósitos (*UE*s 7 e 9) relacionados com um segundo momento de ocupação, cujos indicadores cronológicos não permitiram reduzir o seu enquadramento a determinado momento histórico ou determinada matriz cultural. Essencialmente, atestam a presença humana no sítio após o abandono da *cela vinaria*. Por ironia, o único artefato capaz de afinar o espetro cronológico dessa derradeira ocupação foi obtido em antigas escavações e encontra-se descontextualizado. Sabemos apenas, com segurança, que foi recolhido no lado norte do interior do armazém. Trata-se de um fragmento de *terra sigillata hispanica tardia*, ao qual já fizemos referência no passado (MATOS e CATTARINO, 2019: 132-133), inserido entre os séculos IV – V/VI, datação que vai ao encontro da cronologia atribuída àquelas duas camadas, conforme referido a seguir.

Ambas continham exemplares de tubos de cerâmica (*tubi fitili*), materiais que, na Península Ibérica, estão relacionados sobretudo a contextos de ocupação inseridos entre os séculos III-V d.C. (MORENO ALCAIDE, ROMÁN PUNZÓN e RUIZ MONTEZ, 2019: 135-136), inclusive no exemplo mais próximo do Patarinho, a *villa* do Rabaçal (Penela), cuja ocupação está datada nos séculos IV-V d.C. (PESSOA: 1998). Trata-se de um material tradicionalmente

destinado à construção de abobadas, entretanto, o baixo número dos *tubi fitili* identificados no Patarinho reflete antes uma utilização alternativa, que não foi possível desvendar. Neste caso, apesar do referido padrão cronológico, não podemos descartar uma possível integração nalgum sistema de canalização⁷ relativamente rudimentar, relacionado à utilização do lagar em fase alto-imperial e descartados após o seu abandono.

No enchimento da lixeira correspondente à *UE*.7, foi obtido um fragmento de *dolium* correspondente a uma variante do Tipo II, de corpo tronco-cônico e bordo arredondado, fabricado em cerâmica alaranjada grosseira. Os elementos decorativos são os seus indicadores cronológicos, designadamente, motivos ondulados e geométricos feitos a pente e um largo cordão plástico aplicado no bojo (Figura 6: 16). Trata-se de uma técnica e motivo mormente documentados em cerâmicas associadas a contextos pós-romanos⁸, como por exemplo, na zona de Cáceres, os sítios de Dehesa de la Ventosa (Malpartida de Plasencia) e Arroyo del Pedroso II (Valdelacasa de Tajo), onde os motivos ondulados feitos por incisão a pente em cerâmicas de cozedura oxidante foram enquadrados na transição da Antiguidade tardia para a alta Idade Média (SÁNCHEZ GONZÁLEZ e SÁNCHEZ GONZÁLEZ, 2017: 680).

A referida lixeira foi depositada na cavidade onde esteve implantado um *dolium*, preenchendo a sua metade inferior enterrada, conforme pudemos constatar a partir da identificação *in situ* do fundo e fragmentos do bojo. Ao ser colmatado, a sua parte superior, que despontava no nível de circulação em terra batida (*UE*.8) foi destruída, e os respetivos fragmentos incorporados na lixeira. Este recipiente enquadra-se numa variante do Tipo II dos *dolium* do Patarinho (Figura 6: 17), com bordo discretamente pronunciado, rematado diretamente sobre o ombro e lábio de face

7. Conforme assinalaram Moreno Alcaide, Román Punzón e Ruiz Montez (2019: 133), “se necesitan cientos de tubos, si no miles, para poder construir una bóveda que abarque un área de tamaño pequeño o mediano, por lo que no podemos estar seguros de su utilización como sistema de cubierta cuando tan solo se documentan de forma aislada o esporádica y descontextualizados”.

8. No estudo de Gutiérrez Lloret (1996, 156), integra-se no tipo B de decoração incisa, técnica com a qual se utilizava pentes de madeira, osso ou metal, que “parecen ser uno de los instrumentos alfareros más extendidos, con tradición desde época tardorromana”.

externa retilínea, destoando assim dos demais exemplares deste grupo, que possuem bordos de perfil em “s”. Numa tipologia elaborada por Tremoleda Trilla (2000: 105-108) para o estudo da cerâmica romana no nordeste da Catalunha, este tipo específico de bordo corresponderia a uma forma tradicional do século III d.C. Contudo, é necessário assinalar que as variações morfológicas dos bordos são uma característica transversal a todas as tipologias de *dolia*, independentemente das respetivas propostas cronológicas, o que aconselha cautela na consideração de certos pormenores morfológicos como fatores indicadores de cronologias relativas, sendo antes priorizado, idealmente, o contexto arqueológico do achado. Desta forma, na ausência de vestígios que permitam datar o *interface* de abertura da cavidade em época alto-imperial, a datação do *dolium* aqui inserido deve acompanhar a proposta cronológica do seu depósito (UE.7), embora tenhamos de considerar a forte possibilidade de implantação/utilização durante o funcionamento da *cela vinaria*.

4. PROPOSTA E MÉTODOS DE RECONSTITUIÇÃO 3D

Concluída a escavação do Patarinho pensou-se que seria interessante realizar a confecção de um modelo em 3D, de modo a ilustrar uma proposta de reconstituição da *cela vinaria* na sua forma original. Para a confecção dos modelos tridimensionais agora apresentados foi utilizado o *software* Blender 3D, atualmente na versão 3.5, para a criação da componente geométrica do projeto. As texturas utilizadas nos objetos foram retiradas de bancos de dados *online* que oferecem texturas para uma série de superfícies de forma gratuita com licença livre, e, caso necessário, retocadas no programa de manipulação de imagens GIMP, em sua versão 2.1. Vale salientar que tanto o Blender como o GIMP são *softwares* de código livre, totalmente gratuitos e com ampla documentação disponível, fator importante por viabilizar a inclusão dessas ferramentas dentro do processo arqueológico, uma realidade que até há pouco tempo demandava maior investimento de recursos. Reconhecendo o “perigo” de qualquer reconstituição do passado e as subjetividades e incertezas inerentes ao processo, conforme alerta Robert Barratt (2018b: 3), fatores que muitas vezes acaba por levar a certas “liberdades” em relação aos dados disponíveis, este autor propõem então empregar os conceitos de *para-*

data e metadata (*ibidem*: 7), ou seja, dados subjetivos e objetivos e a relação entre os dados utilizados e o produto final, o qual, devido à inerente impossibilidade de se reconstituir seguramente o passado, acaba por ser um objeto sempre em construção, sendo de suma importância a possibilidade de alteração frente a novas informações e perspectivas. Considerando o factor da subjetividade e objetividade dos dados empregados no modelo, faz-se necessário discriminar ambos os elementos de forma a garantir a transparência da informação apresentada.

Para a elaboração da presente reconstituição, foi necessário recorrer, para além dos dados já obtidos durante a campanha, a outras fontes, como arqueologia experimental ou paralelos com outros sítios similares para a elaboração total do modelo (Figura 7). Com efeito, faz-se necessário discriminar os diversos elementos presentes de modo a evitar impressões errôneas. Invés de apresentar uma lista exaustiva, optamos por nos socorrer da elegante solução empregada na reconstituição do templo de Évora (BARROS *et al*, 2019:21), graduando esses elementos por cores de acordo com a fonte utilizada (Figura 8), porém de forma simplificada, para se adequar a natureza de um sítio mais simples como a do Patarinho.

Por fim, resulta necessário justificar alguns aspectos em particular da reconstituição. Primeiro, considerando os objetivos propostos, optou-se por utilizar o mínimo de elementos possível de modo a tornar a leitura mais assertiva. O segundo ponto diz respeito aos aspectos naturais da reconstituição, nomeadamente a flora, que consiste em espécies autóctones da região, e o relevo, sobre o qual optámos por renderizar apenas a área imediata ao edifício em função da ausência de um MDT com resolução razoável para a área em questão (Figura 9). No futuro, caso seja feita a cobertura em Lidar da região, será possível importar o terreno para o modelo com uma melhor precisão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a escavação em *open area* nos dois sectores, foram então realizadas sondagens de diagnóstico nas áreas adjacentes. Estes trabalhos permitiram aferir duas características essenciais no que diz respeito à implantação das estruturas: primeiro, que os dois edifícios estão isolados, ou seja, na dinâmica da unidade agrícola na qual se integrava, a encosta do Patarinho funcionaria principalmente como espaço

de produção; segundo, que foram aqueles levantados sobre penedos, não tendo sido utilizadas, pelo menos para a implantação de estruturas, as superfícies em áreas de acentuada ação sedimentar. Esta segunda característica reflete uma construção com recursos limitados que, em grande parte, se valeu dos benefícios proporcionados pelos batólitos, tais como a simplificação dos trabalhos de fundação sem comprometimento da estabilidade das estruturas (muros implantados em valas abertas no saibro ou na rocha base), ou a possibilidade de moldar pisos e, inclusive, elementos ligados a mecanismos de produção (UE.36) na superfície rochosa.

Foge à regra apenas o armazém da *cela vinaria*. Embora também construído sobre o penedo, demandou o recurso a mão de obra qualificada e um plano de execução sistemático, a começar pelo nivelamento da plataforma rochosa relativamente extensa, depois, a deposição de uma camada de aterro (UE.2) para vencer o desnível com a divisória do lagar, seguindo-se a implantação de uma robusta sapata (UE.29) sobre a qual foi erguido o alçado bem aparelhado, pelo menos no que respeita à componente de alvenaria (UE.28).

A construção do armazém, datada na segunda metade do século I d.C., estaria associada ao início ou incremento da produção vinícola do assentamento. Não foram obtidos indicadores cronológicos para a construção do lagar, entretanto, como está delimitado, a sul, pelo mesmo alinhamento murário do armazém (UE.28), acreditamos na contemporaneidade de construção destes dois compartimentos. De acordo com a nossa interpretação, os troços de muros alinhados correspondentes às UEs. 32, 33 e 34 sugerem a existência de um edifício anterior, de formato ortogonal, construído em momento indeterminado e colmatado na zona do lagar durante a construção/ampliação da *cela vinaria*. A fase de plena utilização deste edifício terá ocorrido num curto espaço de tempo, circunscrito à época alto-imperial, conforme se depreende dos materiais obtidos na camada de abandono do armazém (UE.4).

Fundamentalmente direcionado à vinicultura, acreditamos que o Patarinho em fase alto-imperial de pleno funcionamento seria então uma área de uso sazonal, a semelhança dos edifícios rurais romanos na Catalunha⁹ assinalados por Víctor Revilla (2022:

9. Concretamente, o autor menciona os sítios de Cal Mercader (Ódena) e La Graveta de L'Eugeni (Artesa de Lleida).

189), integrados num grupo caracterizado pela “*organização espacial marcadamente simples e completamente ou em grande parte construídos em materiais perecíveis*”¹⁰. Com base nas dimensões do armazém da *cela vinaria*, na simplicidade da sua estrutura de produção – não foram detetados vestígios de mecanismos de prensa mais elaborados (*torcularium*) associados ao lagar – e na quantidade mínima dos *dolia* propensos ao armazenamento de vinho (Tipo I) encontrados na UE.4 (Figura 6:1-9), o Patarinho denota uma capacidade produtiva não necessariamente limitada ao autoconsumo da unidade agrária da qual dependia, mas tampouco capaz de atender mais do que o mercado de consumo local, neste caso, circunscrito aos povoados implantados no vale do Baixo Dão (Figura 10).

A última fase de utilização do Sector I está testemunhada na lixeira e no depósito correspondentes, respetivamente, às UEs. 7 e 9. Os trabalhos agrícolas terão provocado o arrasamento dos demais contextos relacionados com estas camadas, pelo que determinadas questões fundamentais ao estudo do sítio ficarão em aberto, tal como a caracterização desta derradeira ocupação no que diz respeito à dinâmica de transição ocupacional e o seu tempo de duração, às soluções de aproveitamento do espaço disponível ou a identificação dos seus contornos económicos e culturais. Neste sentido, em relação ao edifício do Sector I, com base na observação de frágeis contextos arqueológicos, do tipo que André Carneiro refere-se (2022: 84) como “evidências ténues”, podemos apenas afirmar, com segurança: que entre os séculos III-V/VI a zona encostada à fachada sul da *cela vinaria* foi utilizada como local de despejo; que neste momento, o seu telhado já havia colapsado, pelo menos parcialmente, conforme depreende-se do volume de fragmentos de *tegulae* e *imbrices* contidos na UE.9.

Por fim, na alta Idade Média, os três núcleos de sepulturas rupestres implantados no Patarinho atestam a sua conversão em espaço funerário, não tendo sido identificado aqui qualquer vestígio material datável neste período.

10. Livre tradução do autor

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1974) – “Cerâmica Comum local e regional de Conimbriga”, In.: Supl. *Biblos*, 8. Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de (1998) – “Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal”. In: *Conimbriga*, Nº 37. Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, pp. 89 - 119.
- ALARCÃO, Jorge de (2002) – *O Domínio Romano em Portugal*. Publicações Europa-América 4ª Edição.
- ALARCÃO, Jorge de (2004) – *Introdução ao Estudo da Tecnologia Romana*. Cadernos de Arqueologia e Arte, 7. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BÁEZ, Beatriz; BATALHA, Luísa; CARVALHO, Liliana; GARCÍA VILLANUEVA, Isabel; LARRAZABAL, Javier; ROSSELLÓ, Miquel; SANTOS, Constança (2014) – “Recipientes de armazenamento no vale do Baixo Sabor (Portugal), da época romana à antiguidade tardia. Ensaio cronotipológico.” In.: JÁRREGA, R; BERNI, P.: *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo. Monografías Ex Officina Hispania III*. Tarragona, pp. 898-917.
- BARRATT, R. P. (2018a) – “A unity 3D script for calculating solar alignment at the neolithic temples complex at Ggantija, Gozo”. In. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 17, pp. 634-639.
- BARRATT, R. P. (2018b) – “Defining a Methodology for 3D. Approximations in Archaeology: The Issue with Alternative Models”. In: *Proceedings of the 23rd International Conference on Cultural Heritage and New Technologies*. Vienna, pp. 12-15.
- BARROS, Filomena; VAL-FLORES, Gustavo; SCHIAVOTTIELLO, Nicolas; SILVA, André Filipe Oliveira (2019) – “Project Évora 3d: research, methodology, reconstruction and visualization”. In.: *Cities in the Digital Age: Exploring Past, Present and Future*. CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar, Cultura espaço e memória). Porto, pp. 11-28.
- CARNEIRO, André (2022) – “Da luz e das sombras: o caso da villa da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga”. In *A Península Ibérica entre os Séculos V-X – Continuidade, Transição e Mudança*. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. 73, pp. 83-96.
- CARVALHO, Pedro (2007) – “Terlamonte I” (Teixoso, Covilhã): uma quinta romana no interior norte da Lusitânia”. In. *Conimbriga*, XLVI. Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, Maria Isabel; RUIZ MONTES, Pablo (2005) – “Sigillata Hispánica de Origen Bético”. In.: *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueologia e Historia. Universidade de Málaga, pp. 139 - 182.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (1996) – *La cora de Tudmir: de la Antigüedad Tardía al Mundo Islámico: Poblamiento y Cultura Material*. Pub. de la Casa de Velázquez. Madrid.
- MATOS, Pedro (2019) – *O Povoamento Antigo de Santa Comba Dão. Do Período Romano à Idade Média*. Câmara Municipal de Santa Comba Dão.
- MATOS, Pedro; CATARINO, Helena (2019) – “A villa da Abadia (Santa Comba Dão, Viseu): materiais arqueológicos e vias de comunicação”. In.: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 22. Direção Geral do Património Cultural (DGPC), pp. 129-140.
- MATOS, Pedro; CATARINO, Helena (2022) – “A investigação arqueológica em Santa Comba Dão”. In. TENTE, Catarina (coord.): *Beira Alta, Volume LXXXI, Nºs 1 e 2. Estudos de Arqueologia*. Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões. Tondela, pp. 201-238.
- MAYET, Françoise (1984) – *Les ceramiques sigillees hispaniques: contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Publications du Centre Pierre Paris ; 12 : Collection de la Maison des Pays Ibériques 21.
- MORENO ALCAIDE, Manuel; ROMÁN PUNZÓN, Julio; RUIZ MONTES, Pablo (2019) – “El uso de *tubi fittili* para cubiertas abovedadas en la Hispania romana. Revisión bibliográfica y estado de la cuestión”. In.: SPAL (Revista de Prehistoria y Arqueología) nº 28.1. Universidad de Sevilla, pp. 131-156.
- NUNES, João; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1989) – “O acampamento militar da Lomba do Canho (Arganil): ponto de situação”. In.: *Actas do Primeiro Colóquio Arqueológico de Viseu*, nº 2. Ed. Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 403-424.
- PAZ PERALTA, Juan Angel (1991) – *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d. C. en la provincia de Zaragoza*. Ed. Institución Fernando El Católico. Zaragoza.
- PEREIRA, Vitor; CAMEIJO, Alcina; MARQUES, António (2015) – “Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)”. In.: *Contextos estratigráficos na Lusitânia. Do Alto Império à Antiguidade Tardia*. AAP Monografias 1. Lisboa, pp. 69-84.
- PESSOA, Miguel (2011) – *Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal: um centro na periferia do império e do território da civitas de Conimbriga. Estudo de Mosaicos*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- PINTO, Inês Vaz; SCHMITT, Anne (2010) – “Cerâmica comum”. In. (ed.) ALARCÃO, Jorge; CARVALHO, Pedro; GONÇALVES, Ana: *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002. Studia Lusitania*, 5, pp. 221-443.
- PONTE, Salete (2004) – “Retrospectiva sobre fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal”. In *Conimbriga*, XLIII. Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, pp. 199-213.
- PONTE, Salete; VAZ, João L. Inês (1989) – “Considerações sobre algumas fíbulas de Santa Luzia (Viseu). Seu contexto estratigráfico”. In. *Actas do Primeiro Colóquio Arqueológico*

SÁNCHEZ GONZÁLEZ, Luis Manuel; SÁNCHEZ GONZÁLEZ, Juan José (2017) – “Entre visigodos y musulmanes: cerámica de transición tardoantigua-paleoandalusí en Villafranca de los Barros (Badajoz)”. In.: *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXXIII, N.º I, pp. 655-692.

VAZ, João L. Inês (1997) – *A Civitas de Viseu. Espaço e Sociedade*. Comissão de Coordenação da Região de Viseu. Viseu.



Figura 1 – Localização do Patarinho em relação aos principais centros de poder regionais.

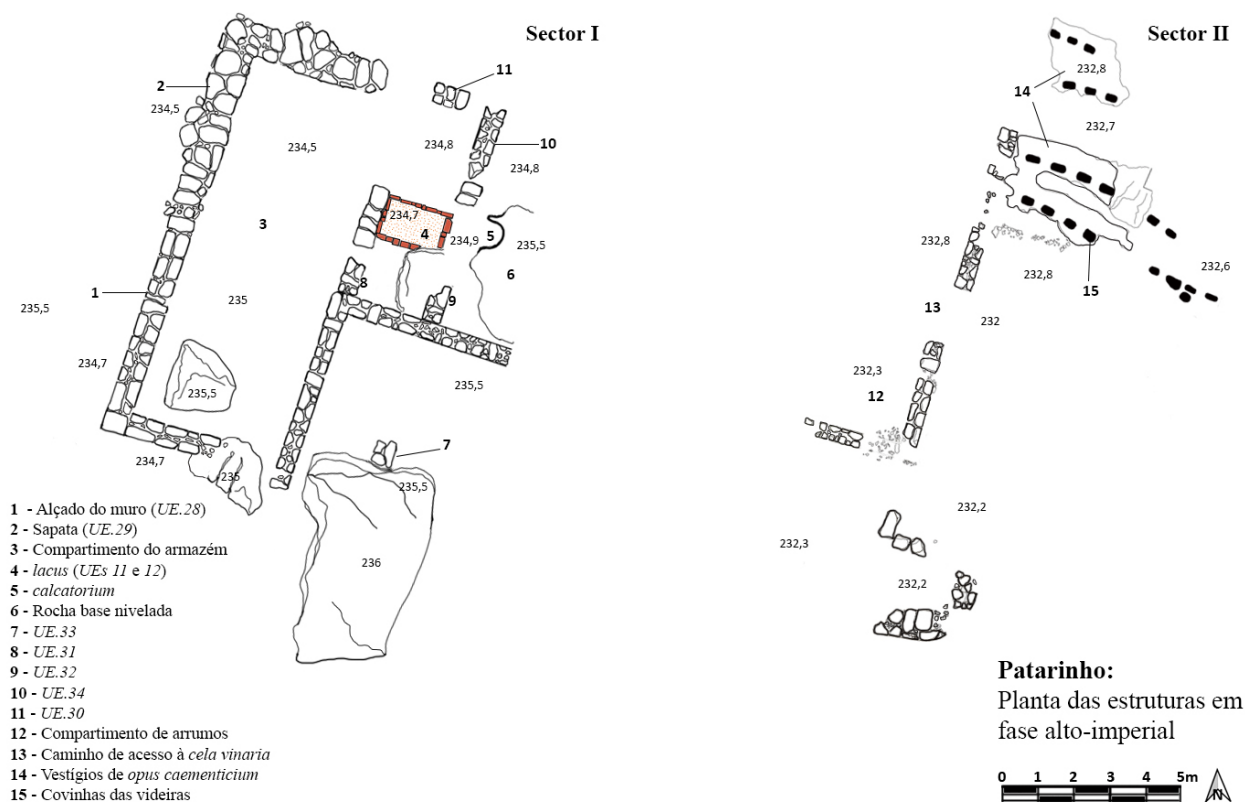


Figura 2 – Plano final da escavação.



Figura 3 – Contextos arqueológicos. A – Escavação do lado leste do Sector I (compartimento do lagar); B – Sector I: vista aérea do lagar; C – Sector II: *opus caementicium* perfurado pela vinha.

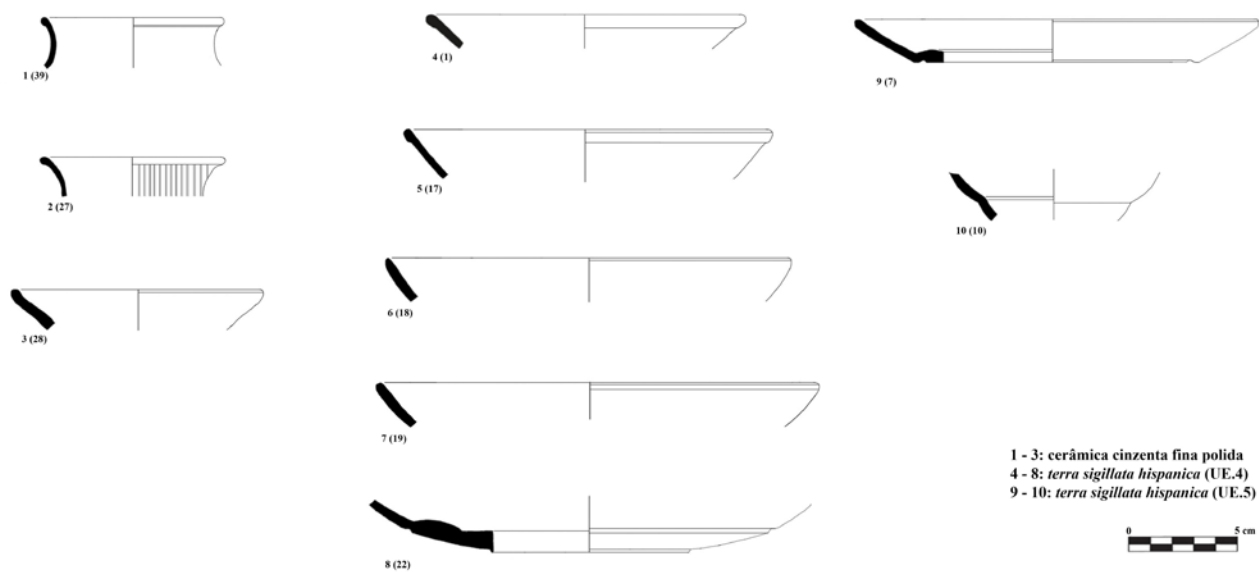


Figura 4 – Cerâmicas regionais e importadas (Sector I).



Figura 5 – Alguns indicadores cronológicos nas camadas de construção e abandono do Sector I. A – Fíbula em ómega (UE. 2); B – Sestércio (UE. 4).

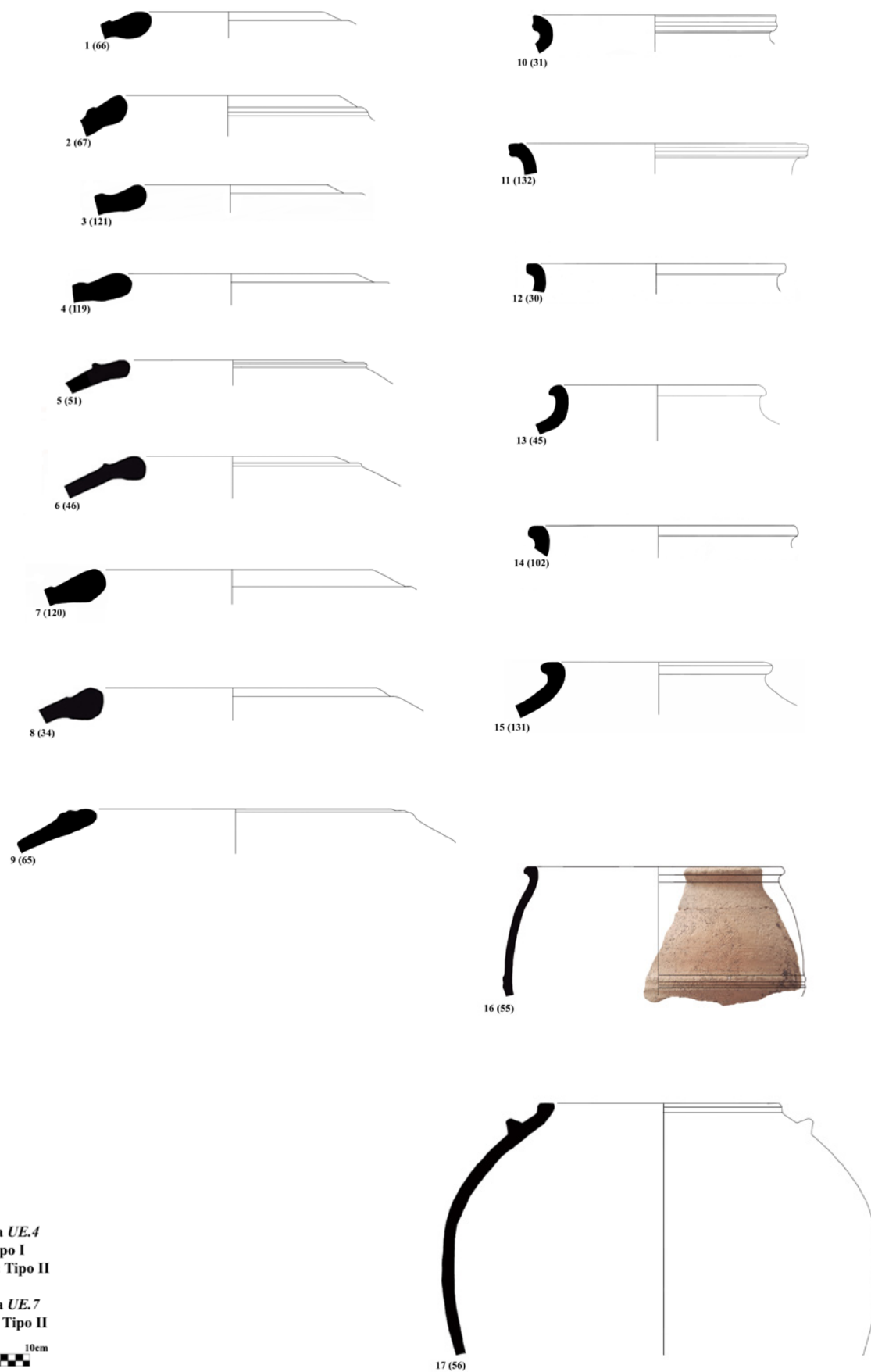


Figura 6 – Exemplos de *dolia* (Sector I).



Figura 7 – Proposta de reconstituição do interior do Sector I.



Figura 8 – Proposta de reconstituição graduada (Sector I).



Figura 9 – Proposta de reconstituição dos lados norte e poente (Sector I).



Figura 10 – Sítios com vestígios romanos na área de estudo.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**